

**Recensão ao livro *Viva, Senhor Presidente*, Lisboa, Folio Exemplar, 2017,  
de Simion Doru Cristea**

Romance filosófico,” *Viva, Senhor Presidente*” de autoria de Simion Doru Cristea, descreve num estilo fino, espontâneo, direto e emocional, sem pomposidades de frases, mas privilegiando uma escrita inteligível, as várias e dispares concepções do mundo e as soluções para todas elas.

A par de um fino jogo literário e da depuração da linguagem, o autor deixa escapar em certos momentos cenas ou episódios que podem transparecer como demasiado minuciosos, mas que o leitor as interpretará como a vivência do autor em certos momentos da sua vida. Sente-se ao longo de toda a obra a necessidade vital de quem a pensou e escreveu de apontar caminhos, orientações, de nos fazer acordar da letargia da vida, de nos empenharmos viva e activamente na construção de um mundo onde cada um seja dono dos seus atos, se aperceba que deve tomar decisões e lutar pela sua efetivação, ao invés de esperar que alguém o faça por ele. De facto, o Presidente a quem damos vivas e a quem saudamos diariamente é aquele que vive intrinsecamente connosco e através de nós, apenas pelo simples facto de que cada um tome consciência que o assumir das responsabilidades individuais e colectivas está em cada ser. Cada um dos capítulos da obra *Viva, Senhor Presidente*, de autoria de Simion Cristea revela-nos modelos de índole filosófica sobre a concepção do mundo, as suas configurações utópicas, o amor universal, a marca da inteligência humana que pode e deve suplantar os modelos civilizacionais que ao longo do tempo histórico tanto elevaram como colocaram a marca humana ao nível da bestialidade.

A articulação discursiva da personagem/personagens que nos fazem viver com eles e através deles o sonho/realidade encaminha-nos para uma terapêutica complexa, mas ao mesmo tempo tão simples e verdadeira, culminando com a revelação da chave do romance no capítulo “Irmandade”, ao questionar a razão da permanente conflitualidade religiosa. Com efeito, de um modo acentuado nele se conjugam o silêncio e a fala, as tensões humanas, mas é a partir dele que ecoa a voz genuína, forjada a partir das muitas vozes que entre a crista da onda e o tapete de espuma, encena e desentranha os seus mares.

De uma forma imprevista mas brilhante, o autor e o leitor convivem com personagens sem nome, apenas as reconhecem e lhes são familiares pelos cargos que ocupam ao longo dos vários capítulos. E aqui, justamente, uma lembrança à epigrafe da

obra de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*: “*Conheces o nome que te deram, mas não conheces o nome que tens.*” O que significa eu ser Maria, António ou outro nome? Quem sou eu, de facto? Simion Cristea leva-nos a acreditar que devemos estar mais interessados na pedra do que na escultura acabada, a pedra que vamos modelando e que ao longo do livro saberemos como todas as matérias que constituem o saber universal estão incluídas nos seus longos capítulos e são apreendidas duma forma séria, mas leve ao mesmo tempo, evitando que a leitura seja morosa e pesada.

De um modo particularmente interessante, o autor, também ele fazendo parte desde o início da prole da Associação Internacional de Paremiologia, irá revelá-la num dos doze capítulos, a saber o capítulo “ Sorriso Internacional “, numa escrita de iniciação e louvor da sabedoria proverbial universal, fazendo jus aos trabalhos desenvolvidos pelos membros desta Associação e sobretudo ao carácter firme e sólido do seu Presidente, aqui nomeado Embaixador.

Neste romance, todas as personagens e, por conseguinte, nós próprios, encontramos a salvação, exatamente porque almejamos e conseguimos quebrar a muralha que nos separa, ir mais além seguindo a conduta que as personagens nos revelam. Quando a nossa visão interior se abre, os nossos horizontes alargam-se, cada um de nós está totalmente ligado ao universo e à vida. O poder mora dentro de nós no sentido da expansão dos horizontes da nossa consciência, somos Presidentes na totalidade da palavra.

Maria João Coutinho, CLEPUL

17/04/2018